

CONTEM PORANEA



GRANDE REVISTA MENSAL



Volume IV

Nº 10

Contexto, editora

A presente edição da

Contemporânea

foi apoiada pelo Instituto Português do Livro e da Leitura e pela Fundação Calouste Gulbenkian/Centro de Arte Moderna. A sua tiragem de 1500 exemplares foi concluída em Janeiro de 1992 com composição, fotolito e montagem de Dimencor e impressão e acabamento de Rainho & Neves para Contexto, Editora, Lda.
— Largo D. Estefânia, 8-2.º Esq. — 1000 LISBOA — Tel: 570082

ES. 73.

24. MAR. 1992

DEP. LEG.

CONTEM PORANEA

Nº 10

Contexto, editora



Shi

«Contemporânea» e os anos 20 portugueses

José-Augusto França

Os anos 20 da vida portuguesa, sobretudo lisboeta, por concentração significativa na capital que era, no país, a única hipótese de cidade, em sua responsabilidade ou desejo cultural, foram marcados pelo lançamento sucessivo ou simultâneo de jornais, revistas e magazines, entre 1920 e 1931. Assim se ia pontuando, indeterminadamente, um viver urbano, com novas exigências de informação e de reflexão crítica ou, mais, de pascácio apetite mundano, e alguma esperança de cosmopolitismo — mesmo inevitavelmente traduzido no calão do Chiado. Duas gerações atrás dissera-o jocosamente o Eça, no outro momento histórico em que a cidade se pudera ou não definir. A sobreposição das duas situações tem de ser entendida para se procurarem as causas da dupla falência urbana ao fim da Monarquia do Fontes ou ao fim da República do Afonso Costa, entre mãos mediocres e provincianas.

A Avenida da Liberdade, «*boulevard catita do Fontes*», fora o sinal falhado da sua política urbana, as Avenidas Novas e os recentes bairros orientais da cidade, para médias ou pequenas burguesias imigradas da província triste, eram, no pós-guerra, sinal idêntico — e mais grave porque a mais e nova gente diziam respeito. Lisboa procurava, então, nestes anos 20 de última chance cidadina, uma imagem possível na sua dificuldade de ser cidade. Em 1928, Pessoa falaria, talvez definitivamente, no «*provincianismo*» nacional, elevando, quatro anos depois, a observação ao nível de «*caso mental*», ou questão de «*mentalidades*» e da sua história, que ainda então se não fazia em Portugal.

Ao longo dessa década, certamente decisiva para a sua definição, o lisboeta burguês descia ao Chiado, a comer torradas no «Garrett» ou vendo na «Brasileira» novos quadros modernos, pagava mau champanhe no «Monumental» ou no «Bristol», onde outros que tais olhava, aplaudia Ramada Curto e a D. Palmira no Nacional, escutava fados da Maria Alice nos primeiros rádios, frequentava, já mais confortavelmente, os primeiros cinemas, com o Tivoli por garantia mundana, lia anualmente Aquilino e hebdomadariamente as novelas em fascículos do Ferreira de Castro, ia felizmente ao Parque Mayer aplaudir a Beatriz Costa, o mais certo gênio nacional, e folheava, desde 1920, o «ABC», em concorrência da já velha «Ilustração Portuguesa», em vão renovada pelo Ferro no ano seguinte. E, muito mais que o misantropo Columbano, homenageava, em 1928, Malhoa, o optimista, que só morreria depois disso tudo — quando, em caída de pano decenal, uma nova Constituição era torpemente plebiscitada, ao cabo de uma ditadura de militares ignaros idos no conto de um vigário naturalmente provinciano, descido à cidade insolvente e incapaz.

Todos os dias, o «Diário de Lisboa», desde 1921, arejava notícias, sim, mas num «quantum satis» que o padre Manso sabia medir; e todas as semanas, desde o mesmo ano, a «Seara Nova» opunha ao pelicano da grei integralista, irmãos inimigos, uma reforma nacional sem sementeira nem ceifa possível, na circunstância.

«A Águia» perdera já o voo republicano antigo e portuense, antes de morrer, em 1927, para que, provincialmente também, e na Coimbra donde Salazar viera, nascesse uma «Presença» a renovar-se de novidades francesas — em calão mais uma vez traduzidas...

...Outro era o calão do Chiado lisboeta, enterrado o machado de guerra do «Orpheu», há muito já — meia dúzia de anos que, por cansaço geral, abriam abismo semi-secular. Nele nasceram os magazines timidamente modernizados, mesmo para Senhoras, como a «Voga», em 1927, importando modelos de Paris, ou para cinéfilos de ambos os sexos mimosos como a «Imagem», já fonofilmica em 30 — com bonecos mais jovens. Porém, em Julho de 1922, a «Ilustração Portuguesa» declarava-se, por consenso de seus leitores, decidida a voltar ao gosto de antes, que os tempos pátrios ainda não eram, se algum dia fossem, para outro. Dois meses antes, nascera a «Contemporânea», que tal gosto dizia combater — e não é impossível ver na reacção do magazine uma resposta indirecta à pretensão da revista que no n.º 3 não deixaria de lhe retorquir, desdenhosamente.

Porque, logo no seu primeiro número, «Contemporânea» se virara contra o passado academizado, mais grego-menos grego, defendendo que «a Arte moderna inspira Alegria e Força». Veremos donde isso vem, e porquê; aqui anotemos apenas que, de outro plano estético, também em repensamento moderno, uma revista nasceu em 1924, e outra reformou-se em 25, intituladas «Athena» e «Dionysios», na primeira das quais o director afirmava que «*toda a arte superior (...) é profundamente triste*». Isso escrevia Fernando Pessoa, que, no ano anterior, desabafara, numa carta, a propósito do empreendimento da «Contemporânea», que «*uma ou outra coisa lembra(va o) passado*», mas que «*o resto*», «*o conjunto...*» — e eram melancólicas as suas reticências. Aliás ao próprio director o diria Álvaro de Campos, manifestando «saudades do nosso Orpheu» — e felicitando-o por continuar «*subrepticamente*». Assim Pessoa criticava o espírito «*civilizado*» ou «*civilizador*» da revista, em seu eclectismo, se não seu oportunismo interessado ou interesseiro.

Essa a pecha e também o encanto de quem a criava, dirigia, realizava e produzia, com minúcias de amante para com a coisa amada: José Pacheco, ou Pacheko, «*arquitecto pela graça de Deus*», em cartões de visita, que tinha então bem dez anos de passado devotado às artes modernas e à sua promoção.

Pacheko é a mais curiosa personagem do mundo artístico lisboeta que à volta do futurismo se criou e depois andou em tentativas de sobrevivência, entre sonhos, polémicas, dívidas baratas — e doenças sem cura. Nasceu em 1885, morreria em 1934, estudou arquitectura no «*atelier*» famoso de Norte Jor, desse ensino tirando típicos eclécticos já exibidos em 1907, e ainda em 10 e 16, com projectos de casinos e de monumentos; andou por Paris, viveu na cité Falguière como Amadeo, desenhou, em 1914 e 15, as capas simbolistas ou decadentistas dos poemas da «*Dispersão*» e dos contos do «*Céu em Fogo*» do seu querido amigo Sá-Carneiro e, para ele também, por seu gosto, a capa do n.º 1 de «*Orpheu*», de idêntico cariz. No ano seguinte foi director artístico d'«*A Ideia Nacional*», semanário monárquico especialmente reaccionário do Homem-Cristo filho, de cujo espírito anti-modernista (de que o seu colaborador Almada também era vítima) não deixava de se queixar, e

vendo-se impossibilitado de, nessa mesma altura, realizar o seu projecto dum grande salão de Arte Moderna por conta da revista. Nesse mesmo ano, porém, vemo-lo à frente duma «Galeria das Artes», no salão Bobone, em Lisboa, logo classificada e troçada como «salão dos futuristas» — que não era, até por, na verdade, não os haver no mercado... Em 1915, expusera nos Humoristas e Modernistas do Porto, em 20, no 3.º salão dos Humoristas de Lisboa, e colaborara, também em 15, com desenhos assaz mediocres no «Ocidente». Ainda no Verão desse ano participou com Almada, Santa-Rita e Ruy Coelho na organização dum comício-congresso de «artistas e escritores da nossa geração» que se gorou. Em 1917, Almada dedicou-lhe «A Engomadeira», declarando, com ele e com Sá-Carneiro, serem os três «de Paris». Dois anos mais tarde, Pacheco desenhou cenários para um ballet do Almada e do Ruy Coelho («A Princesa dos Sapatos de Ferro») e trabalhou em outros não dançados; no ano seguinte animou, com Manuel Jardim, o Coelho e um mau poeta Acácio Leitão, a ideia de uma «Sociedade Portuguesa de Arte Moderna», de «orientação moderna e nacionalista», que não vigorou, sequer mundanamente; mais dois anos passados liderou ele, na S.N.B.A., um movimento polémico, contra os «académicos», numa conspiração abortada também que teria dado o controle da associação aos «novos». No ano seguinte, seria o lançamento da «Contemporânea», com projectos correlativos de exposições, concertos, conferências, uma «Universidade Nova», e, em 1925, prémios — para os quais cada um dos cem bancos portugueses contribuiria com um conto de reis por ano: «primeira oportunidade que os bancos têm», afirmava ele, e os bancos perderam-na sem remorsos... Então foi, também, intermediário nas encomendas dos quadros modernos para «A Brasileira do Chiado» (onde colaborou num, algo simbolista, e o pior de todos, com E. Malta) e teve ainda papel na decoração simultânea do «Bristol Club» que elogiaria nas páginas da sua revista. E, nesse ano de 1925, retomando um sonho de 1922, colaborou também, com projectos de arquitectura e com decoração da sala, no «Teatro Novo» de A. Ferro. Em Novembro do ano seguinte, pela «Contemporânea» que findava, realizou o 2.º e último salão de Outono, mais uma afirmação modernista sem seguimento. Depois, cerca de 1930, lançou-se na empresa bizarra duma «Solução Editora», revista com Separatas, e em vão tentou editar um 14.º número da sua querida «Contemporânea» que em provas e poucas folhas impressas ficou. Tuberculoso de longa data, muito doente, José Pacheco durou ainda cinco anos de voluntária reclusão, com transportes místicos de que resultou uma ou outra obrinha de carácter religioso, em aguarela tradicional.

Publicada sem interrupção em 1922 e 23, depois em 24 e depois em 26, «Contemporânea» tem, porém, uma pré-história em 1915, ano em que saiu um «número especimen» só datável pela referência ao governo Pimenta de Castro, com «manifestações de simpatia» e à Semana Santa também recente, com «a certeza de que a fé religiosa aumenta(va)» e «a onda dos fieis cresce», e apoio fotográfico a ambos os factos anteriores ao 14 de Maio.

A marca política da futura revista (aparecia ao mesmo tempo que «A Ideia Nacional» de Homem-Cristo filho) é assim manifestada, tanto quanto pela direcção literária de João Corrêa de Oliveira (o irmão de António, que fora objecto

de famosa troca de Santa-Rita Pintor na sessão futurista de Abril de 1917), a par da artística, que a Pacheco cabia. Um Pacheco com c, no quadro já sério duma publicação destinada a «*encarnar uma inspiração de Arte e de Elegância*» e «*engenhada por um punhado de artistas moços*» contra os «*obstáculos dum ambiente avesso*» — numa apresentação anónima assaz enrolada, prometendo provar «*riquezas*» nacionais «*de Beleza e de Sensibilidade*». Na crónica vizinha são elogiados, paradigmaticamente, Antero de Figueiredo, Sousa Costa e António Sardinha, a propósito de livros saídos. E entre os colaboradores, logo está Sardinha num «*motivo de abertura*» sobre as «*Sete Partidas do Mundo*» que importava correr, «*peregrinos de todas as peregrinações*», evocando muito literariamente, glórias e sacrifícios passados e, na «*seiva cosmopolita dos Povos*», também «o Carvão e a Electricidade», decerto em sinais de progresso. E Agostinho de Campos ironizava sobre a instrução republicana que punha, em mapas escolares, bandeirinhas de crescente e de verde e encarnado a marcar o sítio da batalha de Ourique... Hipólito Raposo, em crónica de S. Carlos, Maria Amália Vaz de Carvalho contando «Uma História de Amor» dos Brownings, versos de Corrêa de Oliveira (António), uma narrativa rural de Teixeira de Queiroz, um artigo sobre o actor Chaby Pinheiro, uma crónica parisiense do diplomata Justino de Montalvão, outra, da Guerra, falando de Carlos Franco, que nela morrera nas fileiras da Legião Estrangeira, e acompanhada de croquis do malgrado artista, outro artigo, imparcial, sobre o curso das hostilidades, dum oficial, a «Secção Feminina», de D. Albertina Paraiso, prometendo novidades sobre modas, toilette, higiene e beleza, regras de economia doméstica, culinária, «*filets*» e artes decorativas, e também poesia e arte e vida mundana, com figurinos franceses, e duas páginas compostas por Jorge Barradas, em boas poses de modelos elegantes — encham o número, completado ainda com imagens de actualidade política e religiosa, e mundana, de grupos de damas descendo o Chiado. O arranjo destas duas páginas é ao gosto da época que a «Ilustração Portuguesa» traduzia, vindo ainda do fim do século passado, sem originalidade alguma. Esta, no plano gráfico, só existe em vinhetas de António Soares (autor de um cartaz então desenhado para propaganda do número) e de Barradas, de fino grafismo. E nas ilustrações antigas, um carvão de António Soares em página inteira e outro, em duas páginas, de Eduardo Viana, com grandes elogios na legenda. Há ainda arquitecturas banais do Rodrigues Jor para «os Estoris de amanhã» («*a nossa Côte d'Azur*») — e, sobretudo, a capa do número, com uma sofisticada composição de Almada Negreiros, tal como então as fazia, em requintes de estilização mundana.

Em suma, e sem pôr ênfase na opção Pimenta de Castro e na cor monárquica dos colaboradores, um magazine banal, a que não faltava uma coluna de «*sports*», próprio de meados dos anos 10, mesmo que saído após os dois números do «Orpheu» nunca nas suas páginas aludido, apesar das ligações de Pacheco. Mas não de Pacheco...

A originalidade da «Contemporânea» viria mais tarde, quando a publicação se efectivou, em Maio de 1922. Ela seria então uma, se não a «*grande revista mensal*», dirigida por José Pacheco e editada pelo industrial e colecionador Agostinho Fernandes, e composta e impressa na Imprensa Libânio da Silva, em Lisboa, que dispunha de excelentes oficinas.

Agora, a definição da revista era mais clara, num texto de apresentação do jovem jornalista monárquico Afonso de Bragança que seu irmão José desenhava no acto de escrever esta «*Carta a um esteta*». O próprio autor se apresentava como um elemento duma nova geração independente do passado — não por ser de «*futuristas*», como então correntemente se dizia, mas de «*contemporâneos*». Isto num Portugal que «*não é contemporâneo*». Nem «*européu*»; que «*perdeu o seu lugar no tempo e no espaço*» — por causa dos estetas passadistas como o imaginário destinatário da carta, que «*vivem a olhar para trás*». A lembrança republicana d'«*A Águia*» assoma aqui. E outros valores de «*Alegria e Força*» despontam também, com referência ao que de futurista permanecera em novas regras de acção política, passadas embora, no país, pelo putchismo sidonista. Num «*mundo de Beleza nova, movediça, crepitante, estuante e viril, que gira em torno de (nós)*» — há que meter Portugal — e vivê-lo «*de novo*»: «*com asas, com motores, com movimento*». «*Primitivos duma vida nova*», trata-se de «*dar a volta a Portugal — mas correndo-o no sentido da rotação do mundo*»...

Nesse sentido voavam então Sacadura Cabral e Gago Coutinho cujos nomes se repetem nas margens de todas as páginas da revista, em homenagem não a «*uma aventura heróica*», como se de caravela tivessem partido — mas a «*uma travessia matemática*», que deve ser vista, e só, «*com olhos de Hoje*». Um novo génio histórico e presente da vida nacional assim se apresentava, anti-romântico na proposição.

O Almada Negreiros, que figura no primeiro número da «*Contemporânea*», tem já lembranças cubistas, na natureza-morta da capa e no seu próprio auto-retrato de Paris, na «*Histoire du Portugal par coeur*» e nas suas ilustrações populares ou em imaginosas composições históricas, esperando, em fé, a Vitória por Deus um dia prometida a D. Sebastião... Fernando Pessoa acompanha-o no paradoxo do seu longo conto «*O Banqueiro Anarquista*», então mesmo escrito. Um inédito de Sá-Carneiro responde-lhes de Paris, e António Botto vem depois — e também em anúncio do ensaio de Pessoa sobre a sua poesia. Crónicas de Teatro, defendendo a «*Casaca Encarnada*» de Vitoriano Braga (para a qual Almada fizera um notável cartaz), de música, elogiando o Ruy Coelho, de «*sport*», uma carta de Alves de Azevedo para a polémica da S.N.B.A., duas páginas de Rachilde em sociedade com o seu protegido Homem-Cristo, terminam o volume que conta ainda dois «*hors-textes*», de António Soares e do velho João Vaz, único amigo dos «*novos*» na questão das Belas Artes, de Canto da Maia e de Diogo de Macedo, em esculturas ainda naturalista a do primeiro, bourdelliana a do segundo.

Almada volta a dar capa ao n.º 2 da revista: uma cabeça «*à garçonne*», de grande pureza gráfica. Mas toda a ilustração do tomo lhe foi atribuída e são sete desenhos de extrema destreza em várias técnicas gráficas, lineares ou de claro-escuro. As duas varinas enlaçadas no seu alongamento maneirista contam entre as suas melhores obras dos anos 20, e o cartaz do boxe, numa crónica de sport, inova num gosto fim de século algo arte-nova em que é tratado. Ainda de Almada, o «*Rondel do Além-Tejo*» ficará famoso, poesia antiga já que uma composição

popular ilustra, retomando as varinas da outra página e anunciando um fresco de vinte anos depois; e um excerto da conferência «La Révolution Individuelle» que já dera «A Invenção do Dia Claro».

Sardinha defende, em primeira colaboração, o seu «pan-hispanismo» em que Pacheco aliás comunga, proponente da fundação duma Sociedade dos Amigos de Espanha a par de outra, já existente, de espanhóis Amigos de Portugal, logo no limiar da sua revista — e com continuidade polémica. Portugal e Espanha, «um equívoco secular» que o «peninsularismo» independente resolverá numa «hora presente como nunca propícia», contra o «iberismo maçónico e revolucionário» — tal é a ideia integralista de Sardinha.

Tirando as justas queixas de Virgílio Correia sobre a falta de historiografia de arte em Portugal, e uma defesa do cubismo, o melhor texto do tomo é a conferência-mensagem de Raul Leal, «A Derrocada da técnica», a despropósito da questão da S.N.B.A. então levantada entre «novos» e «velhos», na evolução do seu próprio processo mental — mais confuso ainda em Mário Saa-Narciso. Literaturas mais mundanas, assinadas por Luis Moita, por J. Ameal, por um diplomata argentino perdido em Lisboa, por António Ferro também, sem falar no Homem-Cristo respondendo a Rachilde, somam-se à numerosa poesia recolhida, que vale o que vale.

Uma canção de Bruges de Oliveira, versos de J. Rodes, banais também, um sonetinho de Judith Teixeira, acabando em «orgias de morfina», subpoesia da época a que Pacheco não resistia, uma involuntária caricatura «futurista» assinada Fortunato Velez, um soneto melhor de Américo Durão, encontram-se aqui — de Sá-Carneiro, «Lord de Escócias de outra vida», para baixo, e muito...

Três «hors-textes», dos modernistas Alberto Cardoso e Albert Jourdain, e um discutível Sto. António de Columbano temperam ainda este segundo tomo que tem crítica musical e teatral — contra Carlos Selvagem.

No terceiro número, a fórmula das intenções de «Contemporânea» foi encontrada, ao alto do primeiro «Jornal» de comentário — no qual se anuncia um jamais realizado «espectáculo futurista» no próximo Inverno, «a fim de elucidar o público português», se bem que não seja essa a orientação da revista. «Revista feita expressamente para gente civilizada — revista feita expressamente para civilizar gente», a publicação de Pacheco atingira a estabilidade pretendida e possível, nas circunstâncias da colaboração. Veiga Simões, esteta passadista no seu estilo decadente que fizera maravilhas n'«A Águia», apresenta, da sua embaixada de Berlim, uma pintora russa, aristocrata e sem interesse. Mário Saa continua em apólogos, e apresenta o avô, em confidências tolas e em francês, e o número continua com textos ou versos menores em espanhol (mesmo de Ramon Gomez de la Serna) ou em francês (mesmo uma pequenina cena de Marinetti), e com sonetos de Sardinha de humorosa simplicidade e, bem decadente, em «leitos em marfim», de Alfredo Pimenta, ou de Monsaraz filho, com ingénua filosofância. Uma canção de Botto segue-se ao notável estudo que lhe dedica Fernando Pessoa e já fora anunciado — e deu escândalo em meios ainda trauliteiros duma nova extrema-direita. No número seguinte, aliás, uma carta de Álvaro de Campos (depois também famosa) recusa, por inúteis, as razões do Fernando — «que continua com (a)

mania (...) de julgar que as coisas se provam», e a quem é preciso dizer «*que não tenha razão...*» A arte do Botto «*é integralmente imoral*», e isso deve bastar, sem desculpas estéticas — ou morais. «O Diamante», de Almada, é uma espécie de parábola estranha, em que o humor é quase negro, mas dele também se revela um extracto do «Menino de Olhos de Gigante». Depois de cinco peças musicais de Francisco de Lacerda, uma curta peça teatral, «O Outro», de Fortunato Velez e Luis Moita, fecha expressionistamente o número — que um desenho de Almada e reproduções de Viana, Ruy Vaz e de Barradas (dum expressionismo inesperado) ilustram, e que tem capa do próprio Pacheco, composição mole de flores, em mau colorido.

Nos números seguintes, as capas são simplesmente tipográficas com título, número e a indicação de «*grande revista mensal*». Só em Dezembro uma ilustração de Almada, de Madona e Menino, alude ao Natal que o n.º 6 comemora.

Abre o n.º 4, no seu «Jornal», por uma defesa polémica das já proclamadas relações com a Espanha: a política luso-hispânica da revista confirma-se assim. Martinho Nobre de Melo, que fora ministro sidonista, critica, logo a seguir, o desacerato dos governos da República na complexa questão. O interesse pela campanha verifica-se em outras notícias e projectos, como da exposição de Vasquez Diaz, em preparação. Pelo contrário, a Inglaterra, aliada para a política dos democráticos, se bem que não mencionada, é posta em questão pela revista, logo pelo interesse que teria em ridicularizar a participação portuguesa na magna exposição do Centenário, no Rio, quem sabe se não fazendo atrasar a viagem do presidente António José de Almeida, sabotando-a... De resto, um pavilhão em tapumes na inauguração, um «Livro de Ouro», «*emplastro vergonhoso*», tudo é suspeito, ao menos de negociata. A «Contemporânea» entra, nestes pontos, no domínio da política, e ainda um texto dum diplomata cubano em Lisboa dá ao caso um eco inútil. Literaturas várias, de Augusto de Santa-Rita, Silva Passos, H. Roldão, Corrêa de Oliveira (João), Guy Rato, A. del Valle, em «Hai-Kais», são inúteis também, e delas só emerge um soneto do velho e impenitente romântico Fausto Guedes Teixeira. Um desenho de Almada e outro de Diogo de Macedo, uma pintura de Mily Possoz (e uma nota de A. Jourdain sobre a exposição belga), um retrato de Vasquez Diaz e um touro naturalista de Simão da Veiga continuam o tomo — que, porém, tem, de maior interesse, uma resposta polémica, «Literatura de Sodoma», do jornalista meio-erudito Álvaro Maia ao ensaio de Pessoa sobre Botto (o autor lhe responderá no número seguinte, simplesmente para lhe corrigir uma citação traduzida de Winckelmann: «*tem que*» e não «*tem de*» — «*exactamente como em português...*»). E tem sobretudo o número doze poemas inéditos do que seria a «Mensagem», sob o título geral de «Mar Português», de uma das partes.

Há ainda um concurso de peças teatrais em um acto, «*abrangendo Portugal e a Espanha*», um cartaz a cores de Almada para chocolates, que inova no género — e uma abundante publicidade fotográfica ao «Maxim's», com seus luxos herdados do Foz e em seu palácio instalados, num novo equipamento de burguesia enriquecida pela guerra, em gulosos pecados nocturnos.

O «Jornal» do número seguinte troça «o Sr. Júlio Dantas» tradutor de Wilde, entrevista Vasquez Diaz admirando Nuno Gonçalves, volta à carga das ligações com a Espanha em suas possibilidades económicas, transcreve (porquê?) umas páginas brasileiras de Monteiro Lobato sobre eucaliptos e seu poder de carga e de flexão, e anuncia próxima exposição de António Soares.

A colaboração literária em nada ultrapassa a média trivial já atingida, ou só com um texto de Aquilino e uns versos menores de Eugénio de Castro. O resto são poetisas então conhecidas, Beatriz Delgado ou Maria de Carvalho e, pior ainda, Castelo de Moraes, A. Portela, F. Velez, A. Ferreira Gomes, C. Babo, ou o espanhol Buendía, em gostos semelhantemente amaneirados. Um artigo de Celestino Soares, republicano fiel e conservador, importa, porém, propondo reformas universitárias no sentido duma «Universidade Nova» que compensasse a oficial. O texto é ligeiro, mas as ideias são boas, em face da Constituição Universitária do ano anterior e da sua inoperância. De resto, a ideia de Institutos ligando o ensino e a investigação exterior, sobre a qual a revista promete voltar, teria tido importância, se fosse atendida. Desenhos de Jardim, Almada, Mily Possoz, reproduções em «hors-texte» de Juan Cristobal, Vasquez Diaz e vinhetas de Almada e de Stuart Carvalhaes, finalmente identificadas, e uma peça musical de Lacerda, para o túmulo de Afonso de Bragança, recentemente falecido (e sobre o qual em vão Pacheco procurou reunir depoimentos prometidos), compõem um número assaz baço — que anuncia, porém, a próxima publicação duma edição semanal.

Número principal será o de Natal. Bom soneto de Eugénio de Castro, «cantares» inéditos de Monsaraz pai, duas quadras de Pessoa, trazendo ao caso uma insólita heresia esotérica («um novo deus é só uma palavra. Não procures nem creias: tudo é oculto»), um soneto de Virgínia Vitorino, outro de A. Durão, outro de Correia de Oliveira, outro de Acácio Leitão, outro de Tomás de Noronha, mais modestos todos, laboriosas poesias de Luis Moita e de Manuel Ribeiro, com «peito inocentinho das crianças», outra de Castelão de Almeida, versos graciosos de Judith Teixeira, uma «Gesta da Raça» em oito correctos sonetos de Sardinha, um soneto de Lozoya a ele dedicado, mais quatro de Montalvão, de fino gosto e tacto, um longo e digno poema de João de Barros a «seu irmão» Ariel e uma divertida poesia de Botto constituem a abundante recolha poética do fascículo que conta ainda um texto alegórico de Aquilino, uma fantasia musical de C. M. Ramos, outras literárias, de Mário Saa, Mendes Brito e Cabral Metello, de C. Babo e de Costas Ouranis, que se ignora quem seja, um conto realista-simbolista de E. Pimenta, outro só realista de Ferreira Gomes, um extracto do «Amadis», de Lopes Vieira. Música de Lacerda, «hors-textes» de Almada, Mily, Barradas, Vasquez Diaz, um belo torso de Franco e um baixo relevo de Canto da Maia, uma aguarela de Carneiro, uma marinha de J. Vaz, o «Sarau» de Columbano, pertença do editor Agostinho Fernandes, um desenho humorístico inédito de Amadeo, em 1908, e um desenho do jovem Bernardo Marques completam o número sem nada de especialmente notável — a não ser as duas quadras de Pessoa.

«Contemporânea» continuou no mesmo ritmo mensal durante o primeiro trimestre de 1923, com os números 7, 8 e 9, o primeiro com uma xilogravura antiga na capa e o segundo arvorando na sua uma «portaria de louvor» do ministro da

Marques, e os «*hors-textes*» de Jardim, de Almada, num admirável desenho de funâmbulo, de quadros de Vasquez Diaz e de Viana, e do célebre «Grupo do Leão», de Columbano, com identificação das personagens; e também, no fim, em anúncio, duas grandes fotografias de outro clube lisboeta, o «Monumental», concorrente do «Maxim's», com seu salão Luis XV e seu pátio árabe, às Portas de Sant'Antão.

Leonardo Coimbra, já anunciado, é o herói do nº 8: «Cristo como ideal de Beleza» — e é um texto de grande voo anti-positivista a assegurar que «*temos um único modo de compreender (que) é a Analogia*», para «*aceder a eterna Alegria das Almas!*». Gomez de la Serna escreve contra os manequins de atelier, «*el ente plástico*», e há, depois, uma crónica ribatejana, uma longa e chata prosa de amor dum outro Homem Cristo, mais um «cântico» de amor banal, três contos, em realismo pitoresco, de H. Rebordão, pior, de Corrêa da Costa, e de Aquilino em primeira maneira urbana, tirado da reedição do «Jardim das Tormentas» então no prelo, um «Mário» de meditação narcísica de Saa, crónicas de música e de arte (sobre Viana, excelente, por Reynaldo dos Santos), a apresentação de Ferro no Brasil por Malheiro Dias, em meia exortação à mocidade. Na poesia, as coisas são sem interesse, de C. Vasconcelos a A. Rey Soto, de Cândido Guerreiro a Cardoso Marta, de L. Moita a F. Velez e a J. Azancot, com predominância de sonetos, e inclusão duma poesia mais ambiciosa de M. Villa-Verde — mas, emergindo, há Afonso Duarte e a «Lisbon revisited», de Álvaro de Campos, seguida duma carta crítica de Pessoa ao autor do «Sacha» que seria famosa. Restam uma música de Cláudio Carneiro para versos de Correia de Oliveira e «*hors-textes*» de Dordio, de Paris, de Almada, de Diogo de Macedo e duma Eva Aggirhalna, de Viana e de Amadeo — de um a «Pousada de Ciganos», do outro a «Procissão de Amarante», que são novidades para a história da arte moderna portuguesa.

No nº 9 da «Contemporânea» de novo se insiste na notícia da edição dum «grande magazine semanal» dirigido por Celestino Soares: antes da «Ilustração» (1926) tratava-se então, em princípio, de concorrer o «A.B.C.»; nenhuma saída o projecto teria. Coelho Carvalho, ex-reitor político da Universidade de Coimbra, abre o fascículo falando, em jeito de memorialista, de Mendes Leal que há já trinta e oito anos lhe teria afirmado que, dentro de meio século, a contar de então, «*o mundo pertencerá ao operariado comanditado pela Companhia de Jesus...*» Sonetos pobres de Manuel Ribeiro, um poema de Vigo, de A. Rey Soto, «Metáforas» de S. Azagury, «Apocalypse» de C. Babo, um soneto mundano de Tetralda de Lemos, um «Mandrigal» de Quintanar, mais sonetos de A. Durão, mais versos de Soares Branco, Motta Cabral, A. Pinto, F. Beliz ou do mexicano J. D. Frias, formam a parte poética do número — que Pessoa enriquece, em inglês, com o poema «Spell». Uma crítica a Fausto Guedes Teixeira, de A. de Séves, meditações de Alves de Azevedo, um relatório-justificação de Ferro à sua viagem ao Brasil (donde terá trazido um texto de Oswald de Andrade para a revista), e crónicas de música de M. Ramos e L. Moita, constituem a parte de prosa enquanto a artística tem «*hors-textes*» de Canto da Maia, Almada, Jardim e, mais uma vez também, de Vasquez Diaz, e reproduz uma curiosa aguarela sensual de D. Carlos.

As mortes de Manuel Jardim e de Armando Basto, e do conde de Sabugosa, a eleição de Teixeira Gomes à presidência da República (em Agosto), um protesto contra a cabala levantada à peça de Ferro, «Mar Alto», o anúncio duma «Exposição de Outono», um louvor a um vereador camarário pela proposta de criação duma comissão de estética para a cidade, são pontos dum «Jornal» que deixou de assim se chamar.

Ao cabo deste nono número, «Contemporânea» faz o balanço das suas realizações: cinco variadas conferências, sobre arte moderna (banal, de Gaspar de Carvalho), Dostoievsky (Boris Knircha), música italiana dos séculos XV a XVIII (Gastão de Bettencourt), poetas portugueses de hoje (A. Botto), e António Ferro (falando da «Arte de bem morrer»); cinco exposições em Lisboa (Vasquez Diaz, Carlos Porfirio, Viana, Telles Machado, E. Malta); cinco concertos, de Alice e Maria Rey Colaço, Rui Coelho e De Franceschi; um serão de arte, com A. Santa-Rita, Bruges de Oliveira e A. Durão, Oliva Guerra e Laura Chaves e outras poetisas; e a fundação da Universidade Nova, com uma conferência do Prof. Simões Raposo, presidida pelo Presidente da República e três ministros na mesa. Na revista, ao todo, até então, inéditos de 138 autores, 47 «*hors-textes*», 3 separatas.

Assim «Contemporânea» enfrentava o futuro que, de imediato, seria curto, no número 10, em cujo cabeçalho Pacheco é director e editor, e mais dois directores figuram — literário: António Ferro, artístico: o pintor Ruy Vaz. O tomo não traz data, mas é com certeza impresso (talvez lentamente) ao longo de 1924 (1.º semestre?), pois acusa a morte de Teófilo Braga (21 de Janeiro) de quem publica um inédito, e uma crítica da exposição de Lino António é datada de Fevereiro.

O recheio é mais pobre que de costume: os «*hors-textes*» são partilhados entre os irmãos Franco, o escultor e o pintor que muito mais renome não teve, e só há mais duas ilustrações, de Almada, avulso e semelhante às séries publicadas então no «Diário de Lisboa», e de Soares. De poesia, tem Virgínia Vitorino e Fernanda de Castro, A. Cortez Pinto, L. Moita e Motta Cabral, e notas do Visconde de Vila-Moura d' «A Águia» ou de A. del Valle, espanhol. Só um inédito de Sá-Carneiro, «5 horas», dos supostos «Poemas de Paris», canta tragicamente a sua «*mesa no café*». Artigos banais sobre Tolstói ou sobre Velazquez, uma carta polémica de Leitão de Barros sobre a S.N.B.A., outra do encenador António Pinheiro, sobre costumes teatrais lisboetas, a crónica musical de L. Moita e uma crítica de elogio à primeira e recente exposição do jovem Lino António, compõem o número, como um arrumar de gavetas.

Estas só dois anos depois voltarão a abrir-se para uma terceira série da revista, iniciada em Maio de 1926, tendo então como director, só, de novo, Pacheco, e, como editor, o poeta Gil Vaz. A produção continua a cargo de Libânio da Silva, embora se tenha perdido a originalidade gráfica dos primeiros números, só se realçando, como sempre, por gosto especial de Pacheco, os títulos em grandes corpos — mas numa monotonia de paginação que, aliás, já se vinha acentuando nas últimas edições. A capa inaugural desta série é pobre e banal, melhoradas as dos dois números seguintes, com uma reprodução de Tarsila do Amaral (n.º 12 ou 2/3.ª série), ou duma garbosa caligrafia barroca de Andrade de Figueiredo, da portada do seu famoso livro de 1722, a que se eliminou estranhamente a assinatura (n.º 3). Nestes

dois números, como novidade redactorial, a presença do conde de Santibanez del Rio e de Oliveira Penteadó, correspondentes da revista em Espanha e no Brasil, ele poeta como marquês de Quintana e diplomata (seria embaixador do seu país em Lisboa) e ela poetisa e mecenas rica, de S. Paulo.

O ponto forte do nº 11 (ou 1 da nova série) é, mais uma vez, a promoção de uma política ibero-americana, continuando ideias para-hispanistas de Sardinha já expandidas no nº 2, em 1922 — e outras. Assina Celestino Soares um longo e documentado texto crítico da política portuguesa, ante ameaças antigas da Alemanha, e dois brasileiros (então e no número seguinte) apoiam longamente a tese que recolhe votos de múltiplas personalidades. Aliás, a eleição anunciada de Afonso Costa, «*ilustre português*», para a presidência da assembleia da Sociedade das Nações é efeito positivo dela. Por outro lado, estamos na «Hora Decisiva» da pátria que, proclamando unidade com o além-mar, deve ultrapassar querelas de partidos — como afirma um outro oficial da marinha e antigo e efêmero ministro das Finanças (Peres Trancoso), na primeira página do «Jornal» que de novo abre a revista.

Dentro em breves dias, porém, será a revolução do 28 de Maio e a confusa ditadura militar que se lhe seguiu — e isso tem seus frutos no nº 2 de «Contemporânea», publicado entre 17 de Junho e 9 de Julho, período presidencial de Gomes da Costa assinalado numa «*mensagem*» ibero-americana. Já não é questão, para a revista, de falar de Afonso Costa, mas de sublinhar ironicamente a renúncia de Bernardino Machado como «mais um serviço cívico (prestado) à Nação» — serviço que Júlio Dantas e António Sérgio, velhos inimigos da casa, certamente não prestavam, como presidente e secretário duma inoperante mas ainda empossada Comissão Portuguesa de Cooperação Intelectual ligada à Sociedade das Nações; e também não Augusto Gil, cuja demissão de director-geral das Belas Artes era proposta ao ministro da Instrução, propondo-se mais a sua substituição por uma comissão de que deveria fazer parte o director da «Contemporânea»... Caça às bruxas, pelos vistos — e relevo para a gente da nova situação política, ou afim, como o Homem-Cristo Filho («*nosso amigo íntimo*») que voltara a fixar a residência em Lisboa, e que urgia homenagear. Nesse número ainda o anúncio da publicação do «bi-semanário republicano» «Sol», edição da revista já há muito ideada, e que teve como director Celestino Soares, ao longo de seis números, desde 18 de Julho.

A poesia, sempre abundantemente paginada, não alterou o seu regime nos três números da série: Judith Teixeira e Fernanda de Castro, Gil Vaz e Carlos Queiroz, como António Navarro, Montalvor e António Patrício. Quintanar-Santibanez del Rio, Olavo de Eça Leal, António de Cêrtima e António de Seves (em prosa, com «*palores do luar espargi(ndo)*»), de novo Botto, canções de Sá-Carneiro, Pessanha (e também um texto seu sobre «Macau e a gruta de Camões»), e outro sobre ele, de João de Castro Osório) — e, de Pessoa, «O menino de sua mãe» e o novo poema, de 1926, de «Lisbon revisited» por Álvaro de Campos, e «Rubaiyat», na sequência dos três números. O poema de 1923, de Campos, com o mesmo título, fora publicado, como vimos, no nº 8 da revista.

Um ensaio sobre Francisco Sanches, «*verdadeiro fundador da filosofia racionalista moderna*» — que não Descartes, do advogado L. de Castro e Almeida

Norton de Matos, dura dois números (dele também um artigo sobre o misticismo em Tagore); havendo ainda um estudo sobre «nacionalismo económico» pró-mercado interno assinado por J. Perpétuo da Cruz, elogios de Barrès (seu «educa-dor») por J. Osório de Oliveira, de Correia de Oliveira por Álvaro Maia, de Tarsila do Amaral por A. Ferro, e deste pelo brasileiro Renato de Almeida, erudições de Alfredo Pimenta sobre Amadis e de Coelho de Carvalho sobre leitura e escrita, e no n.º 3, um texto arrevesado de Mário Saa sobre «As Instituições», acompanhado por uma carta, também publicada, em que o autor duvidava da oportunidade política do artigo e se interrogava (e a Pacheco) sobre a sua própria e dubitativa situação de monárquico ou republicano... Duas cartas inéditas de José Luciano de Castro, em 1895, aguardando, cheio de manha, a queda da primeira «ditadura» de João Franco, e de Mário de Sá-Carneiro para o pai, provando as suas boas relações, enriquecem, em curiosidade, estes números, como o capítulo «Desgraçador» do romance então inédito de Almada Negreiros, «Nome de Guerra», um conto precioso e curto de Ferreira de Castro e o princípio banal de uma novela de Urbano Rodrigues.

Dois artigos eruditos couberam ainda nesta série — e logo, e com manifesto escândalo, no n.º 1 (ou 11), a tomada de posição da revista na «Verdadeira disposição dos discutidos painéis do Museu de Arte Antiga», com a publicação, em «hors-textes», da reprodução dos painéis alinhados no novo arranjo políptico, partilhando a responsabilidade, nada pacífica, do problema, entre Almada Negreiros, que teria descoberto o erro em que o arranjo existente dos dois trípticos caía, e José de Bragança, que teria proposto o acerto, num só conjunto. A «questão dos Painéis», havia pouco levantada pela descoberta da perspectiva dos ladrilhos na composição quatrocentista, recebeu aqui, em Maio de 1926, com fotografias e esquemas geométricos, novos elementos de estudo — que um artigo de Afonso de Dornelas sobre as tapeçarias de Pastrana que D. Afonso V teria dado, em 1447, ao poderoso marquês de Santilhana para o captar para a sua causa dinástica, podia enriquecer também o n.º 3.

Nas artes contemporâneas, a revista (que preparou novo salão de Outono para Novembro) mostrou-se então menos segura: no n.º 1 há um mau desenho humorístico brasileiro, de Paim, dedicado a Almada, uma gravura em madeira de F. Franco e um retrato chique de E. Malta; o n.º 2 saiu melhor, com reproduções cheias de interesse de Tarsila, um auto-retrato de Almada e um retrato de Cláudio Carneiro (dito, por engano, António — o que levou a reproduzir de novo a estampa no número seguinte), por seu irmão Carlos Carneiro, e uma escultura algo «arts déco» de António da Costa, cabendo no n.º 3 a vez, de novo, a Canto da Maia (ou ainda Ernesto do Canto) com fotos de duas estátuas, «Comédia» e «Tragédia», destinadas ao «hall» do Bristol Club. E confusos são nestes números os «hors-textes», com Le Corbusier, Mallet-Stevens, Toulouse-Lautrec, Van Dongen.

«Manifestação de arte moderna» lisboeta à espera do «romancista da vida nocturna» da capital (que já então na verdade fora o Repórter X, e era o Almada do «Nome de Guerra» inédito até 1938), o Bristol fora elogiado anonimamente no n.º 1 da série que publicara também um artigo espanhol e paradoxal sobre os clubes nocturnos, «infiernos (afinal) inocentes» e «aburridos»... A. F. G. (certamente

Augusto Ferreira Gomes) os defenderá, porém, no n.º 3 — provando neles o espírito do «*século XX*».

É esse o último e fraco texto do terceiro e último número desta série e de toda a «Contemporânea», composto com especial cuidado dentro da manta de retalhos gráfica de que toda a série padece, como que assim se finalizando. Este «*século XX*» apregoado, com sua «*vida actual, intensa, cinematográfica, violenta, desarticulada*», criadora de uma «*civilização diferente*» de «*fronteiras do pensamento*» alargadas, tem o cabaret e o magazine como símbolos: neles artistas e público se ligam, «*civiliza(dora)mente*», como a «Contemporânea» desejara fazer, «subreptivamente» (Álvaro de Campos), de 1922 a 1926, em anos finais da I República pequeno-burguesa e jacobina.

Três anos passaram, depois: Pacheko entrou em outras aventuras malogradas, mas nunca esqueceu a sua «Contemporânea», e, em 1929, mais doente ainda, e com o pouquíssimo dinheiro que tinha, preparou o seu n.º 14, que ficou em 1.^{as} provas revistas, que dariam 14 ou 15 páginas, e em mais duas folhas impressas, com 16 páginas — ao todo menos de 32 páginas, quando os números anteriores andam entre 48 e 64. Original que tivesse havido para as restantes levou descaminho entre os papéis do organizador que não parecem guardar outro rasto da realização deste número cuja datação possível vem apenas da própria data de um dos artigos em provas, de Carlos Parreira: Abril de 1929. E também nada se sabe de «*hors-textes*» ou de ilustrações a não ser para a «Varina» do Navarro que «*esta(va) nos Bertrands*» a fazer.

Este último e gorado número não traz novidades: Pessoa (o «D. Sebastião» da futura «Mensagem»), Álvaro de Campos, António Navarro, Botto numa «Canção» que no ano seguinte entraria no volume de «Canções» sob o título «Adolescente» — com curiosa variante do quinto verso que passaria a referir-se a «*teu viril corpo trigueiro*», com óbvia substituição de objecto amoroso, antes «*frágil*» e «*louro*»... Um soneto de Judith Teixeira, mais uma vez banal, versos similares de Paradela de Oliveira (cuja composição devia ser axial — «*como nos menus*», escreve Pacheko para se fazer entender do compositor...) e fragmentos dum melancólico poema do marquês de Quintanar, que era já então embaixador de Espanha em Lisboa, e que também era e no caso preferia assinar conde de Santibanez del Rio, compõem esta parte conhecível do fascículo. A prosa dispõe do epílogo dum romance humorístico de Armando Ferreira, dum breve ensaio de estética de M. Alves Pereira (quem é? — que se opõe a vistas de Brémond, tal como faria ou fizera Gaspar Simões, na «Presença»), dum estudo sobre o pensamento político-militar alemão depois da guerra, cujo autor, português e bem informado, checo em Lisboa sobre Masaryk, de páginas delirantes de Carlos Parreira, o hagiógrafo de Santa-Rita Pintor, sobre um violinista que tocara no Dona Maria. E, peça mais significativa do conjunto, do discurso do embaixador Quintanar num banquete de homenagem que «Contemporânea» lhe promovera — «*fiesta (...) peninsular o ibero americana*». Esta a tónica da manifestação e do discursador officioso que garantia, «*bajo (su) palabra de caballero, que D. Alfonso XIII, que el General Primo de Rivera, que la nación intera (...) os tienden la mano deseosos de*

estrechar la vuestra y de este simbolo de alianza y de amor, tenga las debidas consecuencias entre los paises ultramarinos de nuestra sangre». Pacheco, «verdadero caballero andante de los ideales que a todos nos han congregado aqui», era «merecedor de la gratitud de todos los peninsulares».

«Contemporânea» chegava ao fim, e nem este tomo podia publicar, mas, nestas palavras de Espanha, o seu animador via o seu próprio fim ideológico ou moral, atingido e reconhecido, ele que chegava também ao fim da vida. E a par do seu nome, o orador não esquecia *«un gran amigo muerto, a quienes todos (...) conservais en vuestra memoria con respeto y con amor»*. António Sardinha, *«el maestro, el labrador»* de *«nuestros ideales hispanoamericanistas y luso-americanistas»*.

Ao termo da revista era evocado o seu primeiro colaborador, já de 1915. Q.e.d...

«Contemporânea» situa-se assim, ao longo da sua vida, no seio dum pensamento nacionalista de direita. Sardinha, Afonso de Bragança, Nobre de Melo, Malheiro Dias, para não falar na presença só literária de Homem-Cristo filho e de A. Ferro ou de Saa, ou nas de Correia de Oliveira, Monsaraz, J. Ameal, L. Almeida Braga, V. Falcão, Hipólito Raposo, ou Villa-Moura, e de outros nomes menores, marcam a opção em que Pacheco se achava, mundanamente e por snobismo aristocrático, também, mais do que por um corpo ideológico definido no seu pensamento por natureza divagante, de idealista em dificuldades de quotidiano.

Só com os artistas ele se sentia bem, em anunciada *«aspiração de Arte e de Elegância»*, em *«Beleza e Sensibilidade»*, e sem que, levado também por compromissos sociais, pudesse sempre escolher a melhor qualidade — logo por escassez dela, no mercado nacional... «Contemporânea» (que não incluía crítica literária ou teatral) acolheu, assim e fatalmente, muita produção, poética sobretudo, banal, dentro do gosto aliterado da época, com abundância de sonetos, que várias senhoras prendadamente produziam, e no qual se contava o próprio editor da série de 1926, e muitos outros. É, porém, a outro nível que importa situar a revista, graças à colaboração de Lopes Vieira, Eugénio de Castro, João de Barros, ou de Leonardo Coimbra e Aquilino, mesmo ocasional, como a de Raul Leal, ou à revelação de inéditos de Sá-Carneiro e de Pessanha, e à presença de mais jovens poetas, como Botto, A. Navarro ou, já, Carlos Queiroz. E, sobretudo, naturalmente, de Fernando Pessoa ou Álvaro de Campos. Poemas da futura «Mensagem» ou o texto, depois famoso, de «O Banqueiro Anarquista», tal como a «Histoire du Portugal par coeur» ou a «Cena do Odio» de Almada Negreiros, ligam positivamente, e na medida do seu e então possível, a revista de Pacheco à gente do «Orpheu», aí havendo passagem para a «Presença» que logo depois nasceria.

Marinetti, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral ou Gomez de la Serna, uma vez cada um, marcam, por seu lado (e a par de vários espanhóis de somenos, pescados na política peninsular da revista), uma dimensão internacional que, curiosamente, não inclui ou mesmo exclui a França — que será mais do definitivo gosto presencista. Esta uma observação a fazer para configurar uma *«intelligentia»* nacionalista portuguesa nos anos 20, mais herdeira d'«A Águia» e de certo «Orpheu» do que perto do futuro imediato europeu.

Há ainda (a par da parte musical com peças inéditas de jovens, ou velhos, compositores, e crónicas, críticas regulares, que nas artes plásticas foram ocasionais e raras), e em grande importância, a parte artística — e logo se impõe a qualidade gráfica da publicação que Pacheko especialmente cuidou, com grande fantasia de títulos e de corpos na paginação. Almada é o herói dos números, pela quantidade de obras publicadas, em capas, «*hors-textes*», ilustrações e cartazes — um Almada ainda mundano que passava do amaneiramento de 1915 a uma inultrapassável agilidade de desenhador, depois do episódio parisiense da sua carreira, em 1919-20. Mas há também reproduções dos irmãos Francos, de Diogo de Macedo, de Canto da Maia, de Jardim, de Soares e de Stuart, de Mimy Possoz, do jovem Bernardo Marques, embora também do Malta — e de Viana, logo em 1915 em grande destaque, ou com a «Pousada dos Ciganos». E também a reprodução, então raríssima, dum Amadeo, a «Procissão de Amarante». Barradas, presente no número especimen, quase desapareceu depois. Vasquez Diaz representou nos anos 20, para Portugal, a arte espanhola mais avançada, e a sua presença em Lisboa justificava o apoio que «Contemporânea» lhe deu, tanto como a sua confessada admiração por Nuno Gonçalves — que a revista tomaria a seu cargo num momento de acesa polémica nacional.

Do século XIX, caro ao coleccionismo do primeiro editor e financeiro da revista, o rico conserveiro Agostinho Fernandes, que importa não esquecer aqui, destaca-se sobretudo Columbano, em duas obras célebres; e não pode deixar de se frisar a ausência de Malhoa, mesmo que Fernandes muito o admirasse. Mas esse era o outro gosto nacional de que o próprio snobismo de Pacheko salvava a revista... O «*rusticismo*» que Gomez de la Serna vira compor-se nacionalistamente, em 1922, com o «*cubismo*» ultra-moderno nas páginas da publicação, não chegava ali nem era diagnóstico acertado, na verdade dos factos.

«A 'Contemporânea' foi, dentro do quadro do seu período de 1922 a 26, um facto cultural de grande importância, embora sem poder criativo ou generativo, como fora o caso do 'Orpheu' ou do 'Portugal Futurista'. Pacheko nada tinha a propor que não fosse um bom gosto 'civilizado' dentro de parâmetros artísticos e intelectuais que o eclectismo dos sumários tornava difusos e sem que uma definição cultural se pudesse constituir em termos sociais que o mundanismo da atitude minimizava» (J.-A. França, 1979). Assim foi a revista, por desejo apropriado do seu criador e, vendo-a chegar, ao menos em projecto, até 1929, vemo-la cobrir toda a década e representar, desta, a face mais declaradamente dirigida ao público (a «civilizar»...), de que, por carestia de produção, precisava mais do que as mais ou menos confidenciais revistas literárias do seu tempo, como a «Byzancio», a «Triptico» ou mesmo a «Presença». Entre revista e magazine, «Contemporânea» sobrepôs a rede do seu género editorial à rede das vias culturais que nela se cruzavam, nos anos 20 nacionalmente possíveis — ou necessários.